

[SYLVIA DEMETRESCO]

Professora da École Supérieure de Visual Merchandising, na Suíça. Editora da revista internacional de visual merchandising *INSPIRATION*; autora dos livros *Vitrinas entre-vistas — merchandising visual* (São Paulo, Senac, 2004) e *Vitrinas em diálogos urbanos* (São Paulo: Anhembi Morumbi, 2005).

Site: <http://www.vitrina.com.br>

E-mail: sylvia@vitrina.com.br

Foto: Sylvia Demetresco

Vitrinas que embalam Paris



Andar... o que vem a ser essa prática em Paris? A característica hipnótica do andar permite àquele que se abandona a esse fazer roçar a todo instante a linha indistinta que serve de fronteira entre o aqui/agora e o invisível/decifrável dessa cidade. Será que encontramos um ponto de não volta onde descobriremos que o visível é face oculta do mundo, como se o imaginário e o real se misturassem e seus fios se encontrassem na construção dessa trama única?

A pé, de ônibus ou metrô, esse locomover faz parte da descoberta dessa cidade e se torna uma iniciação, uma revelação contínua de que é uma cidade que nos oferece muitas camadas e sobreposições de conhecimento. Se andar é uma atividade de sonâmbulo, não há perigo nenhum, use e abuse! Nas horas de rush, a massa parece uma procissão de formigas ocupadas em seus pequenos mundos e corpos a desfilar pelos caminhos rotineiros e automatizados, sem tomar consciência da cidade em sua volta. A rua é uma comunidade de vivos que se ignoram, que se misturam, que se embaralham ocupados com eles mesmos... ensimesmados, medindo raramente seu papel nesse jogo de redes e jogos sociais.

"Há ruas canalhas, lascivas, sinuosas, autênticas, doentes (...) Cada imagem recobre outra, como slides ou diapositivos superpostos representando o mesmo lugar em épocas diferentes e a cidade mostra suas camadas", como escreve Marc Alyn em *Paris point du jour*!. Cada rua tem seu poema, seu odor particular: algo que une o odor das rolhas do vinho aberto ao do leite derramado, ao das ervas aromáticas ou da fumaça silenciosa que se esvai... e, no entanto, o cheiro é gratuito... o cheiro do pão quentinho, que sai das padarias com vitrinas cheias de docinhos coloridos, das mais variadas formas, que nos permitem acariciar com o olhar esse espetáculo de cores e formas... o direito é o que vemos e o avesso é o que sentimos!



Fotos: Sylvia Demetresco

[52]

Na igreja de Saint Séverin, em Saint Germain, está escrito logo na entrada: *Passante, pensas passar por esta passagem, onde pensando, passei? Se você não pensa, passante, você não é prudente, pois sem pensar, você se verá passar*².

Sainte Geneviève, a santa padroeira de Paris, tem sua igreja construída em 502 por Clóvis, no meio do hoje conhecido como Quartier Latin. Lá está a santa embalada num relicário de prata, recoberta por uma vitrina de vidro. Eis que surge mais uma instigante vitrina no nosso andar pela cidade de Paris. Nossos passos nos levam também a visitar as vitrinas dos egípcios do IV século a.C., no Louvre, na ala Denon, em que coroas e máscaras mortuárias, dessas e outras tantas épocas, estão enclausuradas nas vitrinas históricas e nos mostram outras culturas. Modos de vestir de outras épocas também estão no Museu Galliera, em que os anos loucos, 1920 a 1940, se alastram propondo novas vitrinas de pouca luz e muitas cores, ou ainda, no museu do Quai Branly, em que roupas étnicas coloridas vivem em espaços sombrios. Trajes militares de todos os tempos estão enfileiradas nos Invalides. Valentino é homenageado pela extensão de todo seu trabalho; do branco total ao vermelho sensual numa exposição que toma dois andares do museu des Arts Décoratifs³. Mas o vidro novamente nos separa das texturas, do calor, das sensações mais estreitas que poderíamos ter com todas essas vestimentas.

Vitrinas de moda se espalham pela cidade: na *avenue Montaigne* estão tanto as grifes francesas como as internacionais. As vitrinas geralmente são pouco inovadoras, mas exibem uma iluminação espetacular; na *avenue Champs-Élysées* se avizinham marcas variadas, de artigos esportivos à indústria automobilística, que tentam chamar a atenção dos passantes com variadas propostas. As lojas de carros são certamente as que mais investem na cenografia arrojada. No *boulevard Hausmann*, as vitrinas dos dois grandes magazines, Le Printemps e Galeries Lafayette, nos permitem sonhar e ver encenações grandiosas em todas as suas formas e possibilidades cênicas; da luz à decoração tudo é maravilhoso. Na *rue du faubourg Saint Honoré* as butikues especiais, que vendem marcas de alto padrão, criam pequenos espetáculos inusitados para todo e qualquer público. Na *place Vendôme* as joalherias investem em vitrinas sofisticadas, mutantes e mutáveis, detalhadas e minuciosas. No centro comercial les Halles os jovens estilistas espalham idéias criativas em suas vitrinas provocantes e inovadoras. No Sentier, o atacado também investe em vitrinas às vezes audaciosas; e, assim, caminha-se... em cada rua uma presença, em cada bairro uma história.

O passeio nos leva invariavelmente a flagrar nas ruas diferentes tipos e estilos, e a contemplar os modos de vestir de todas as populações que circulam em Paris. De fato, a rua nos oferece vitrinas vivas, espetáculos para aproximação e conhecimento de formas de ver, ser e vestir que caminham prazerosamente à beira do Sena em direção à Torre Eiffel, espaços nos quais fervilham encontros. Existe uma relação amorosa entre Paris, a torre Eiffel e o Sena, o que não deixa de ser uma história cheia de exaltação. O Sena deve ser visitado cedo,

quando as águas acordam e se mostram cristalinas como o vidro e os reflexos do sol brilham sobre sua superfície lisa, que se esvai em direção ao oceano. A torre, ao contrário, deve ser vista à noite, quando sob uma iluminação sutil, brutal e melancólica, nos faz ver que ela é a real representação dessa cidade, analisada maravilhosamente por Roland Barthes no livro *La tour Eiffel*⁴.

Paris, afinal, poderia estar sob a tal redoma de vidro e ser toda ela vitrina, de fato existe sempre uma certa magia na composição da cidade. O vidro que nos separa emba a cenografia, reflete nossas imagens e cria uma relação de afastamento ao mesmo tempo em que permite brincadeiras ousadas. Dois eventos originais compartilhados com artistas e estilistas se destacaram recentemente nesse delicioso universo da vitrina: o *Parcours Saint Germain*⁵ em junho, em que artistas plásticos foram chamados para criar vitrinas em várias lojas do bairro de Saint Germain e outro, em abril, na loja *Le Printemps* em que os estilistas se enfiaram, literalmente, suas vitrinas, como em um auto-retrato. Karl Lagerfeld⁷ foi o primeiro e se sentou no meio de uma multidão de livros, impassível, enquanto Paul Smith criou uma interação com o público curioso, seguido de outros designers que também criaram suas vitrinas tais como Rodolphe Ménéudier, Jean-Charles de Castelbajac, Chantal Thomass, Dsquared, Isabel Marant, Alber Elbaz e Antonio Marras.

Finalmente, atrás dos vidros, o que resta tanto à loja como ao criador é colocar, sobre um cabide ou um manequim, a evidência de um determinado prazer exibido por uma cenografia inovadora, para enaltecer e mistificar a essência de um produto. Nós, observadores desse gigantesco espetáculo da cidade como vitrina, percorremos espaços, circulamos, gesticulamos pela cidade como sombras que se refletem nos vidros de Paris. Consumidores consumidos que o vento dispersa a cada esquina, à espera de uma nova surpresa envidraçada. Indissociável aos nossos passos aqui está a magia dessa cidade, na qual todo destino é bem vivenciado!



NOTAS

[1] ALYN, Marc. *Paris point du jour*. Editora Bartillat, Paris: 2006.

[2] *Passant, penses tu passer se passage. Où, pensant, j'ai passé ? Si tu n'y penses pas, passant, tu n'es pas sage. Car, en n'y pensant pas tu te verras passer.*

[3] Exposição no Museu des Arts Décoratifs, 10 rue de Rivoli até 21 de setembro, www.lesartsdecoratifs.fr/fr/02museemode/valentino/page01.html

[4] BARTHES, Roland. *La Tour Eiffel*. Centre national de la Photographie, editora Cnp/Seuil, Paris: 1989.

[5] <http://www.parcoursaintgermain.com>

[7] <http://www.passionluxe.com/index.php/?2007/04/06/355-designers-in-a-window-karl-lagerfeld-dans-la-vitrine-du-printemps-haussmann-a-paris>